

## **Juventudes rurais no Brasil: o que os estudos de revisão revelam?**

Rainei Rodrigues Jadejiski<sup>1</sup>, Erineu Foerste<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo traz reflexões acerca da produção de conhecimento acumulado a respeito de juventudes rurais no Brasil. O *corpus* delimitado para o processo investigativo é constituído por cinco estudos de revisão da problemática em questão (SPOSITO, 2002; 2009; CASTRO *et al.*, 2009; WEISHEIMER, 2005; COSTA; MOREIRA, 2018). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cuja produção, sistematização, tratamento e análise dos dados permitem afirmar que, dentre os estudos que abordam as juventudes, é pouco expressivo o enfoque nos jovens rurais. Os resultados revelaram que a temática da juventude é estudada em uma abordagem interdisciplinar, que coloca em questão a homogeneização dos jovens. Também foi evidenciado que há uma tendência que persiste em afirmar e reafirmar que os jovens são sujeitos em transição, indeterminados, que vivem no “vir a ser”, porque não são crianças e não são adultos.

### **Palavras-chave**

Estado da arte. Estudos de revisão. Juventudes rurais.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil; coordenador pedagógico na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Parcerias e Educação do Campo (CNPq). E-mail: raineirj@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil; estágio pós-doutoral pela Erziehungswissenschaftliche Fakultät da Universität-Siegen, Alemanha; professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Parcerias e Educação do Campo (CNPq). E-mail: erineufoerste@gmail.com.

## **Rural youths in Brazil: what do review studies reveal?**

Rainei Rodrigues Jadejiski<sup>3</sup>, Erineu Foerste<sup>4</sup>

### **Abstract**

This article reflects on the production of accumulated knowledge about rural youth in Brazil. The *corpus* delimited for the investigative process consists of five review studies on the issue in question (SPOSITO, 2002; 2009; CASTRO et al., 2009; WEISHEIMER, 2005; COSTA; MOREIRA, 2018). This is bibliographical research, whose production, systematization, treatment, and analysis of data allow us to state that, among the studies that address youth, the focus on rural youth is not very expressive. The results showed that the theme of youth is studied in an interdisciplinary approach, which calls into question the homogenization of young people and that there is a tendency that persists in affirming and reaffirming that young people are subjects in transition, indeterminate, who live in the “come to be”, because they are not children, and neither are adults.

### **Keywords**

State of the art. Review studies. Rural youths.

---

<sup>3</sup> PhD student in Education, Federal University of Espírito Santo, State of Espírito Santo, Brazil; pedagogical coordinator at the Secretary of State for Education in Espírito Santo, Brazil; member of the Cultures, Partnerships and Rural Education Research Group (CNPq). E-mail: raineirj@hotmail.com.

<sup>4</sup> PhD in Education, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; postdoctoral internship at Erziehungswissenschaftliche Fakultät at Universität-Siegen, Germany; full professor at the Federal University of Espírito Santo, State of Espírito Santo, Brazil; leader of the Culture, Partnerships and Rural Education Research Group (CNPq). E-mail: erineufoerste@gmail.com.

## Considerações iniciais

Este artigo emerge de estudos realizados com vistas à produção de conhecimento para uma tese de doutorado, intitulada “História oral de juventudes rurais: territorialidades de egressos do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca/ES”, que será defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na linha de Pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais, mais especificamente no Grupo de Pesquisa CNPq Culturas, Parcerias e Educação do Campo.

Buscamos, com este texto, trazer reflexões acerca da produção de conhecimento acumulado a respeito de juventudes rurais no Brasil. Acreditamos ser importante sistematizar essa produção para direcionar os estudos no âmbito da educação popular e, sobretudo, da cultura popular, pois as juventudes desempenham um papel vital na continuidade das tradições culturais presentes nas comunidades rurais. Nesse sentido, entendemos que estudar as juventudes rurais permite identificar novas expressões culturais que emergem desse grupo e podem enriquecer a cultura popular, já que os jovens também são agentes responsáveis por perpetuar, adaptar e recriar as expressões culturais ao longo do tempo. Isso justifica um trabalho como este ser publicado em uma revista que contempla a educação e a cultura popular como escopo.

A metodologia se ancorou na leitura, descrição e análise da constituição e dos resultados de cinco estudos de revisão que tratam da produção acumulada acerca das juventudes rurais brasileiras (SPOSITO, 2002; 2009; CASTRO *et al.*, 2009; WEISHEIMER, 2005; COSTA; MOREIRA, 2018). Realizamos esse empreendimento, pois, do mesmo modo que Dayrell e Carrano (2009, p. 7), reconhecemos que “a produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência”.

Assim como Sposito (2009, p. 17), acreditamos que estudos com natureza de revisão possibilitam “conhecer e sistematizar a produção de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes ou emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura”. Certos disso, atemo-nos a detalhar um pouco mais cada um desses estudos nos tópicos seguintes.

## Marília Pontes Sposito (2002; 2009) e a produção acumulada acerca da juventude na pós-graduação brasileira entre 1980 e 2006

Marília Pontes Sposito coordenou a elaboração de dois estados da arte acerca do tema juventude (Quadro 1), realizados por pesquisadores de várias instituições de ensino superior. Juntas, essas publicações trazem o mapeamento de teses e dissertações em um período de 26 anos. Além da análise do título, do resumo e das palavras-chave, alguns dos trabalhos selecionados, recuperados pela equipe, foram analisados de forma completa (SPOSITO, 2002; 2009).

**Quadro 1** – Estados da arte acerca de juventudes

<b>Ano de publicação / título</b>	<b>Foco e período de análise</b>	<b>Principais bases de dados utilizadas</b>	<b>Tipologia do material analisado</b>
2002 / Juventude e Escolarização (1980-1998).	Produção acadêmica brasileira sobre Juventude nos programas de pós-graduação em Educação, no período de 1980 a 1998.	- Teses sobre Educação. Brasília: Inep; São Paulo: ANPEd, 1985-1994. 1 disco compacto: digital. - ANPEd 99: teses, dissertações e artigos de periódicos. 3. ed. São Paulo: ANPEd: Ação Educativa, 1999. 1 disco compacto: digital. - CD-ROM ANPEd. São Paulo: ANPEd; Brasília: Inep: Ação Educativa, 1998. 1 disco compacto: digital.	Teses e dissertações.
2009 / O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Volumes 1 e 2.	Produção acadêmica brasileira sobre juventude nos programas de pós-graduação nas áreas de Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, no período de 1999 a 2006.	Banco de Teses do Portal CAPES.	Teses e dissertações.

Fonte: Os autores (2023).

O primeiro estado da arte, ou estado do conhecimento, nas palavras de Sposito (2002), abarcou a produção acadêmica nos programas de pós-graduação em Educação, no período de 1980 a 1998, e focou nos jovens de 15 a 24 anos de idade (SPOSITO, 2002). O segundo estado da arte abrangeu a produção discente, além da área da Educação, das áreas de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, contemplando o período entre os anos de 1999 e 2006, e ampliou essa faixa etária até os 29 anos, seguindo a tendência de alguns países europeus (SPOSITO, 2009).

Embora a faixa etária tenha sido um critério inicial utilizado para selecionar as teses e dissertações que compuseram as análises desses estados da arte, nessa seleção, pesquisas que traziam jovens com idades inferiores ou superiores também foram consideradas, de acordo com a pertinência de cada uma. Nesse empreendimento de catalogar as pesquisas, foram incorporados os trabalhos que traziam usos associados ou indiretos à noção de juventude (SPOSITO, 2002; 2009).

No primeiro estado da arte, Sposito (2002) salienta que a delimitação dos estudos que tratam da juventude não é uma tarefa fácil, pois não há um conceito único e fechado aceito por todos os pesquisadores, o que fez com que os trabalhos fossem analisados a partir do modo como são construídas as discussões teóricas acerca da juventude. A autora cita que os jovens foram identificados, em muitos trabalhos, como alunos, estudantes ou estudantes-trabalhadores, por exemplo, evidenciando essas dimensões da juventude e que, aproximadamente, metade dos trabalhos explicitou que a pesquisa se assentava em estudo de caso.

No período analisado nesse estado da arte (1980-1998), foram encontradas, na área da Educação, 1.167 teses e 7.500 dissertações, totalizando 8.667 trabalhos. Desse total, apenas 387 trabalhos, sendo 55 teses e 332 dissertações, relacionavam-se ao estudo da juventude. Ou seja, do total de estudos produzidos em Educação, apenas 4,4% trataram dessa temática. Embora essa produção, em termos quantitativos, não seja expressiva na área, houve um aumento do número de trabalhos acerca da juventude no quadriênio 1995-1998, já que 47% dos trabalhos catalogados nesse estado do conhecimento foram defendidos nesses quatro anos. Entretanto, é precipitado dizer que esse aumento pode significar um maior interesse pela temática, dado que entre os anos de 1995 e 1998 cresceu, exponencialmente, o número de teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação no país (SPOSITO, 2002).

Sposito (2002) problematiza o fato de que um número expressivo de trabalhos considera, nas análises, a transitoriedade na definição da juventude. Dentre eles, segundo a autora, há uma variação no modo de conceber essa “passagem”. Ela faz um alerta de que essa ideia de transição tem sido criticada sob dois aspectos: um relaciona-se à ideia de

indeterminação, em que os jovens estão vivendo uma passagem da infância para a fase adulta; o outro “incide sobre uma necessária subordinação dessa fase à vida adulta, referência normativa caracterizada pela estabilidade em contraste com a juventude, período da instabilidade e das crises” (SPOSITO, 2002, p. 9).

Além disso, Sposito (2002, p. 20) escreve que “a produção discente sobre juventude é, também, fortemente influenciada pela centralidade da escola, provocando uma forte adesão ao estudo do jovem a partir de sua condição de aluno”. A autora aponta que um dos limites dessa produção reside em considerar apenas a condição de aluno ou estudante do jovem, sem considerar o modo efetivo dele de existência.

Ao tratar da qualidade das pesquisas, a autora aponta que a produção discente acerca da juventude é muito desigual. Analisando os estudos, a autora aponta algumas limitações nesse sentido, tais como: fundamentação teórica baseada em fontes secundárias, pouco diálogo do texto com a disciplina de origem, falta de relação entre as partes teórica e empírica e ausência de rigor nas estratégias investigativas. Sposito (2002, p. 22) escreve que “ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude”.

A análise desse estado do conhecimento nos revela que as relações entre a juventude e o rural são pouco expressivas entre os trabalhos analisados. Dayrell (2002), em um capítulo que analisa os 50 trabalhos encontrados acerca de juventude e escola, sinaliza que, dentre os estudos desse eixo, “apenas três que desenvolveram seu levantamento empírico no meio rural, o que aponta uma séria lacuna, já que pouco sabemos sobre os jovens da sociedade agrária em sua relação com a escola” (DAYRELL, 2002, p. 69). Nessa mesma direção, Corrochano e Nakano (2002), em um capítulo que discute o eixo “Jovens, mundo do trabalho e escola”, a partir de 80 trabalhos analisados, evidenciam um aprisionamento das pesquisas ao meio urbano.

No segundo estado da arte, foram catalogados 1.427 trabalhos, entre teses e dissertações. Desse total, a equipe conseguiu recuperar 1.293 trabalhos e o restante, 134 estudos, foi considerado perdido. A maioria dos trabalhos encontrados e recuperados é da área de Educação, entretanto, em termos quantitativos, esses trabalhos ainda não ocupam grande relevância em nenhuma das áreas pesquisadas, embora a juventude comece a ser reconhecida como categoria analítica dentre essas produções (SPOSITO, 2009).

Nesse levantamento dos trabalhos, Sposito (2009) enfatiza que se considerou mais a juventude como objeto de estudo do que a identificação do pesquisador aos estudos acerca dessa temática, “pois muitas das contribuições podem ser produtos de pesquisadores que apenas

incidentalmente debruçaram-se sobre o tema, mas, ao fazê-lo, poderão ter realizado estudos competentes e fecundos que alimentam o desenvolvimento de novas pesquisas” (SPOSITO, 2009, p. 19).

De acordo com a autora, não foi possível, durante o processo de produção desse estado da arte, analisar todo o material levantado, logo, optou-se por analisar, nos artigos da coletânea, os temas que apresentaram maior número de estudos. Além disso, ela admite a existência de vários estudos produzidos acerca das juventudes, para além das teses e dissertações cobertas por esse estado da arte, mas reconhecendo que “os estudos sobre jovens são pequenos grãos de areia de um deserto em tempestade” (SPOSITO, 2009, p. 40).

Nessa ótica, a autora afirma que a juventude não é campo disciplinar alicerçado e que quiçá precise se constituir em um domínio específico do conhecimento para que seja consistente teoricamente, “uma vez que, quanto mais estreitas forem as interações dos estudos sobre jovens com as especializações existentes no interior das Ciências Sociais, maior solidez será possível nos estudos sobre juventude” (SPOSITO, 2009, p. 36).

Um importante alerta é feito pela autora a partir da análise dos trabalhos catalogados nesse estado da arte: grande parte da produção discente sobre juventude se relaciona aos jovens urbanos. Somente 52 estudos, que correspondem a 3,64% das teses e dissertações levantadas, contemplaram os jovens rurais. Entre esses estudos, ela escreve, em nota de rodapé, que há “alguns eixos comuns: a experiência de jovens em assentamentos dos movimentos pela terra, as relações entre escolaridade e trabalho, a migração e a permanência no campo e as formas de sociabilidade” (SPOSITO, 2009, p. 23). Logo, “a predominância de investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles pode induzir a generalizações apressadas sobre a juventude brasileira, se não forem levadas em conta as condições de vida das pequenas e médias cidades e das zonas rurais” (SPOSITO, 2009, p. 24).

Nesse alinhamento, a autora ainda coloca que a produção a respeito dos jovens rurais precisa ser mais explorada e incentivada, pois ela é anunciadora “das múltiplas temporalidades que articulam as relações sociais em nossa sociedade, das imbricadas relações de complementaridade e das tensões existentes entre cidade e campo, muitas vezes obscurecidas por uma ótica excessivamente urbana” (SPOSITO, 2009, p. 24).

## Elisa Guaraná de Castro *et al.* (2009) e a produção acumulada acerca da juventude rural entre 1960 e 2007

Elisa Guaraná de Castro, Maíra Martins, Salomé Lima Ferreira de Almeida, Maria Emilia Barrios Rodrigues e Joyce Gomes de Carvalho produziram o livro *Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político*, publicado em 2009, detalhado no Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2** – Estudo de revisão acerca de juventudes rurais

<b>Foco e período de análise</b>	<b>Principais bases de dados utilizadas</b>	<b>Tipologia do material analisado</b>
Levantamento bibliográfico da produção acadêmica brasileira acerca da juventude rural, publicada dentro e fora do país. O levantamento foi realizado entre os meses de outubro e dezembro de 2007. Não foram estabelecidos recortes temporais, <i>a priori</i> , pois o intuito foi identificar quais eram os marcos do campo acadêmico a respeito da temática, mas, ao final da pesquisa, compreendeu-se o período entre 1960 (ano em que as primeiras publicações foram localizadas) e 2007.	As principais fontes de pesquisa consistiram em sites de universidades, anais de congressos e encontros acadêmicos, periódicos, revistas e bancos de dados oficiais (Dedalus – Banco de Dados da Universidade de São Paulo, BDTD, teses e dissertações da CAPES). Em menor proporção, análise de bibliografia citada por autores e livros em bibliotecas.	Livros; teses de Doutorado, dissertações de Mestrado e monografias de cursos de especialização; artigos e resumos em revistas e congressos acadêmico-científicos, capítulos de livros e relatórios de pesquisas nacionais.

Fonte: Os autores (2023).

Dentre as diversas veredas da obra, interessou-nos, mais diretamente, o aprofundamento trazido a partir do entendimento dos processos de construção da juventude rural, como categoria de análise, no debate acadêmico. Nessa tarefa, as autoras consideraram as abordagens indiretas acerca da juventude rural, pelo fato de elas fazerem um paralelo com as temáticas em que a juventude tem sido associada (CASTRO *et al.*, 2009).

Castro *et al.* (2009) explicitam que a partir da década de 1990, no Brasil, o campo de estudos acerca da juventude se tornou mais expressivo, com trabalhos que marcam a concepção



de juventude como um período de transição entre a adolescência e a vida adulta, a partir de recortes etários, reforçando as relações de poder e de hierarquia social.

Acerca disso, essas autoras trazem um ponto de vista que concordamos: quando se privilegia a “transitoriedade nas percepções sobre juventude, transfere, para aqueles assim identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados” (CASTRO *et al.*, 2009, p. 43). De acordo com elas, muitos trabalhos que discutem juventudes partem de uma categoria genérica, como se houvesse um consenso a respeito de quem são os jovens, homogeneizando essa categoria.

No esforço de catalogar a produção acadêmica acerca de juventudes rurais no Brasil, as autoras conseguiram catalogar 197 trabalhos relacionados, produzidos entre os anos de 1960 e 2007. Segundo elas, até o ano de 1999, a produção acerca do tema foi pouco expressiva, não ultrapassando a média de um trabalho por ano, mas, a partir dos anos 2000 até 2007, o crescimento dessa produção chegou à média de 22 trabalhos por ano. Do total de trabalhos encontrados, 93 são artigos, capítulos de livros, relatórios de pesquisa e resumos em anais; 89 são teses, dissertações e monografias; e 15 são livros. Dentre essas produções acadêmicas, as dissertações e os artigos têm maior expressividade, em termos quantitativos. Já as teses e os livros aparecem em menor número, sinalizando para a escassez de pesquisas de longa duração sobre a temática no país (CASTRO *et al.*, 2009).

Na análise desses trabalhos, as autoras evidenciam que as regiões Sudeste, Sul e Nordeste se destacam como locais onde a produção acadêmica acerca de juventudes rurais está concentrada. Outro dado importante, trazido por elas, é que mais de 70% dessa produção foi concebida na área de Ciências Humanas, com destaque para o campo da Educação – pioneiro nessa temática, que ainda continua presente e reúne o maior número de trabalhos. Entretanto, expõem que há trabalhos em outras áreas, como Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Agrárias e Multidisciplinar, e que vários programas de pós-graduação, de diferentes áreas, têm se debruçado sobre o estudo dessa temática, mostrando o caráter multidisciplinar desse campo de pesquisa emergente.

Esse levantamento de Castro *et al.* (2009) revela que as primeiras pesquisas acerca de juventudes rurais no Brasil começam a aparecer na década de 1960 – última década em que a população do campo supera a população da cidade em quantidade –, quando o movimento de êxodo rural era bem intenso. Essas autoras expõem que, por muito tempo, essa temática teve pouca visibilidade no debate acadêmico e só foi reconhecida como objeto de estudo a partir dos anos 2000. Segundo elas, embora a juventude rural já se constitua como um objeto de estudo e

seja percebida como categoria social, ainda é pouco investigada como categoria política e “é ainda uma categoria analítica em construção, cujos contornos são pouco delineados, defrontando-se com a dupla dificuldade nas definições tanto de ‘juventude’ como de ‘rural’, ou seja, a polêmica sobre as categorias sociais e as representações sobre elas construídas” (CASTRO *et al.*, 2009, p. 40).

As autoras externalizam que muitas pesquisas estão relacionadas ao êxodo rural e à migração, evidenciando a necessidade de compreender os fatores que fomentam a saída dos jovens do campo e de entender como esses jovens constroem suas representações sobre o meio rural e o meio urbano. Elas também destacam que há uma escassez de estudos que discutem as juventudes a partir das expressões culturais delas e de sociabilidade, e que “o viés urbano continua sendo o principal referencial que norteia as pesquisas e que elege, conseqüentemente, duas principais problemáticas associadas aos jovens rurais: a reprodução da *agricultura familiar* e *camponesa* e os processos migratórios” (CASTRO *et al.*, 2009, p. 60).

Na percepção delas, jovens rurais vivem um duplo enquadramento: quando estão no meio urbano, sofrem com imagens pejorativas associadas ao rural como lugar do atraso; quando estão no meio rural, são deslegitimados pelos adultos por serem muito urbanos. Elas engendram que o “jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de subalternidade, ou seja, uma categoria percebida como inferior nas relações de hierarquia estabelecidas na família, bem como na sociedade” (CASTRO *et al.*, 2009, p. 39), mas que, contraditoriamente, é valorizada nos discursos associados à renovação, ao futuro e à transformação social.

A análise dos trabalhos acerca da juventude rural, realizados por Castro *et al.* (2009), revelou que esse campo de estudos está em processo de expansão, passando por uma ressignificação e consolidação no meio acadêmico.

### **Nilson Weisheimer (2005) e a produção acumulada acerca da juventude rural entre 1990 e 2004**

A publicação *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes* (Quadro 3), de Nilson Weisheimer (2005), foi uma resposta à proposta de realizar um balanço do debate acadêmico acerca da juventude rural no país. Essa proposta, feita pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, visava à construção de um conhecimento crítico acerca dos jovens rurais no Brasil, a fim de orientar a formulação de

políticas públicas e ações específicas para essa parcela da população, incluindo-a nos projetos de desenvolvimento agrário e rural (WEISHEIMER, 2005).

**Quadro 3** – Estudo de revisão acerca de juventudes rurais

<b>Foco e período de análise</b>	<b>Principais bases de dados utilizadas</b>	<b>Tipologia do material analisado</b>
Produção acadêmica brasileira, de diferentes áreas, sobre juventude rural, no período de 1990 a 2004.	Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Dedalus, BDTD, sites de todas as universidades brasileiras (acesso às bibliotecas e contato com os programas de pós-graduação), Portal de Periódicos da CAPES e sites das associações científicas (ABA, Anped, Anpocs, Anppas, SBS e Sober), ScIELO, Ibict-CCN, Google, Amazon e Biblioteca Nacional.	Resumos de teses, dissertações, livros e artigos publicados em revistas ou anais de congressos científicos que estavam disponíveis na internet.

Fonte: Os autores (2023).

Em sua obra, Weisheimer (2005) mapeia e discute a produção acadêmica brasileira acerca da juventude rural no período de 1990 a 2004. Ele apresenta como essa produção está distribuída entre as regiões do país, evidencia as temáticas emergentes e aponta as abordagens teóricas utilizadas para categorizar a juventude, trazendo consensos e limitações apresentados pelos pesquisadores.

Weisheimer (2005) identifica 50 estudos produzidos por aproximadamente 36 pesquisadores, sendo, em ordem decrescente de ocorrência: 27 artigos, 18 dissertações, 3 livros e 2 teses. Ele aponta que o volume de publicações acerca dos jovens rurais era pouco expressivo, embora esse campo de investigação já demonstrasse uma tendência de consolidação, sobretudo a partir dos anos 2000, já que 86% dos trabalhos foram divulgados entre 2001 e 2004.

Os estudos encontrados são provenientes de quatro regiões brasileiras. Weisheimer (2005) identifica 23 publicações na região Sul; 18, Sudeste; 8, Nordeste; uma, Norte; e nenhuma na região Centro-Oeste. De acordo com o autor, esses trabalhos advêm de 20 universidades, dentre elas, as que apresentam o maior volume de trabalhos publicados são a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com 8 e 6 estudos, respectivamente.

De acordo com Weisheimer (2005), as publicações estão inseridas em quatro linhas temáticas gerais: a) Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar, com 19 estudos; b) Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva, com 13 estudos; c) Juventude Rural e Inserção no Trabalho, com 10 estudos; e d) Juventude e Educação Rural, com 8 estudos.

Essas publicações se encontram divididas em nove áreas de concentração, que correspondem às áreas de formação e aos cursos de pós-graduação dos pesquisadores: Administração, Antropologia, Ciências Florestais, Comunicação, Desenvolvimento, Economia, Educação, Extensão Rural, Serviço Social e Sociologia. Dessas áreas, destacamos a Sociologia, com 15 estudos; a Antropologia, com 7; e o Desenvolvimento Agrário, a Educação e Extensão Rural, com 6 estudos cada (WEISHEIMER, 2005).

Dentre o universo de estudos encontrados, o autor identifica cinco abordagens utilizadas para definir conceitualmente as juventudes rurais. São elas: a) Juventude como faixa etária, em que o critério de idade dos sujeitos entrevistados é utilizado com base “em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais para definir os limites de quem é ou não considerado jovem” (WEISHEIMER, 2005, p. 20); b) Juventude como período de transição ou ciclo de vida; c) Juventude a partir do enfoque nas gerações, pautado na transmissão e adaptação da herança cultural pelos jovens; d) Juventude como cultura ou modo de vida, em que os jovens são tidos como uma expressão da cultura de massas, estão ligados à sociedade do consumo e apresentam modos próprios de se vestir, falar, ouvir músicas, praticar esportes – nessa abordagem, os jovens rurais são resultado do processo de modernização do campo –; e) Juventude como representação social e autorrepresentação, em que a condição juvenil é entendida como parte da hierarquia social presente nas representações sociais que, por sua vez, “remetem à ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência plena na infância a outra, de plena independência na idade adulta” (WEISHEIMER, 2005, p. 24).

No que tange ao uso de diferentes abordagens acerca de juventude, Weisheimer (2005) identificou três grupos de pesquisadores: aqueles que se apropriam de uma abordagem, os que combinam diferentes abordagens e os que não externalizam um entendimento a respeito do que é juventude, tratando o termo como se ele pudesse ser compreendido sem qualquer explicação.

Dentre as publicações, Weisheimer (2005) identificou 14 maneiras diferentes de os autores se referirem aos jovens rurais como objeto de estudo. Ele as agrupou em duas categorias: a) geográfica – residencial e b) socialização – ocupacional. A primeira categoria abriga expressões como “jovens do campo”, “jovens do interior”, “jovens do sertão”, “juventude rural”, dentre outras. Já a segunda categoria contempla expressões como “jovens

agricultores”, “jovens sem-terra”, “jovens assentados”, entre outras. O autor também apontou “a falta de consenso quanto à noção de ‘juventude’ utilizada nas pesquisas analisadas, expressa na grande variedade de recortes analíticos e definições conceituais, mesmo quando todas tratam dos jovens que vivem no meio rural” (WEISHEIMER, 2005, p. 27).

Uma noção utilizada pelo autor e apropriada por nós é a de juventudes, no plural. Assim como esse autor, defendemos que as juventudes vivem múltiplas realidades e constroem experiências distintas, mesmo habitando um mesmo tempo histórico, dado que diversos fatores interferem e impactam na forma como cada pessoa experiencia e concebe a juventude.

Weisheimer (2005) não encontrou muitos consensos entre os trabalhos analisados, mas identificou algumas questões recorrentes acerca do entendimento do papel dos jovens para o desenvolvimento do espaço rural; dentre essas questões está a sucessão familiar no campo para continuidade da agricultura. Ele sinaliza que os estudos analisados indicam a “necessidade de desenvolvimento de políticas públicas específicas para os jovens rurais, entre as quais se destaca a pertinência de um projeto educacional que valorize o rural e prepare os jovens a se desenvolverem como agricultores” (WEISHEIMER, 2005, p. 27).

Os diferentes trabalhos trazem, de forma recorrente, debates acerca de como as juventudes se relacionam ao processo de modernização do campo, mas, na maior parte dos trabalhos, a juventude não é problematizada como uma construção social em disputa. Embora os trabalhos apresentem diversas experiências vividas pelas juventudes, em muitos estudos, os jovens são tratados em uma perspectiva homogênea. Mesmo vivendo em diferentes espaços sociais agrários, eles são enquadrados na categoria genérica “juventude rural”, que se fundamenta na dicotomia rural e urbano (WEISHEIMER, 2005).

O autor constatou que a migração e a invisibilidade são os dois fatores mais recorrentes nos estudos analisados. No ponto de vista dele, não há, entre os trabalhos acerca de juventudes rurais, uma matriz analítica que seja comum aos pesquisadores. Diante disso, problematiza: “Devemos perguntar-nos ainda se é possível ou desejável uma matriz analítica capaz de dar conta da diversidade de processos sociais que configuram as diferentes juventudes rurais” (WEISHEIMER, 2005, p. 28). Segundo ele, a principal lacuna encontrada nos trabalhos a respeito das juventudes rurais é a limitação das pesquisas aos contextos locais. Diante disso, utiliza a argumentação de que, sem parâmetros de comparação dos processos sociais que afetam os jovens no Brasil, “ficamos presos às especificidades dos contextos locais em detrimento dos aspectos globais e históricos que afetam as diversas expressões juvenis dos espaços agrários” (WEISHEIMER, 2005, p. 29).

Weisheimer (2005, p. 29) escreve que as diferentes pesquisas são motivadas pela “convicção de que nenhum processo de transformação social ocorre sem envolver efetivamente a participação da juventude. Isso faz dos jovens rurais atores fundamentais para entendermos as dinâmicas dos processos sociais agrários”.

### **Costa e Moreira (2018) e o estado da arte acerca de juventudes rurais no Brasil entre 2006 e 2016**

Ana Flávia de Sales Costa e Maria Ignez da Costa Moreira, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), produziram um estado da arte com o mapeamento da produção acadêmica acerca da juventude rural entre 2006 e 2016, abrangendo 11 anos de pesquisa sobre a temática. As autoras pesquisaram toda a produção acumulada a respeito do tema em teses, dissertações e artigos científicos, sem delimitar áreas de conhecimento (COSTA; MOREIRA, 2018).

**Quadro 4** – Estudo de revisão acerca de juventudes rurais, organizado por Costa e Moreira (2018)

<b>Título</b>	<b>Foco e período de análise</b>	<b>Principais bases de dados utilizadas</b>	<b>Tipologia do material analisado</b>
Juventudes rurais no Brasil: um estado da arte (2006-2016).	Produção acadêmica brasileira sobre juventude rural em todas as áreas do conhecimento no período de 2006 a 2016.	Portal de Periódicos e Banco de Teses e Dissertações da CAPES, SciELO, Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (BVCE).	Teses, dissertações e artigos.

Fonte: Os autores (2023).

Por conseguinte, Costa e Moreira (2018) apontam, a partir dos trabalhos analisados na construção desse estado da arte, que há uma tentativa de universalizar a juventude por meio da definição de faixa etária, tomando como referência o ordenamento jurídico brasileiro e as definições de âmbito internacional, embora muitas pesquisas demonstrem alargamento da compreensão de juventude para além de idades limítrofes.

As autoras também indicam que os jovens rurais têm sido invisibilizados nas pesquisas acadêmicas, dado que a produção discente acerca das juventudes no Brasil apresenta um caráter

essencialmente urbano, haja vista que, na análise de 4.072 trabalhos de pós-graduação a respeito das juventudes, apenas 183 teses e dissertações abordaram as juventudes rurais. A maior parte delas, cerca de 62%, advém das regiões Sudeste e Nordeste do país.

Um ponto de atenção trazido pelas autoras se relaciona ao alcance dessa produção sobre as juventudes rurais. Segundo Costa e Moreira (2018), do total de 26 artigos encontrados, apenas oito são desdobramentos de pesquisas de pós-graduação, sinalizando que a maior parte da produção realizada nesse âmbito não foi publicada em periódicos científicos, ou seja, pode não ter ganhado o devido alcance, já que poucas pessoas leem teses e dissertações na íntegra.

Assim como Castro *et al.* (2009), Costa e Moreira (2018) confirmam o caráter multidisciplinar das pesquisas. Elas registram que o volume de produções acerca das juventudes rurais se concentra em três grandes áreas: Ciências Humanas, com destaque para a Educação, Ciências Agrárias e Ciências Sociais Aplicadas. A produção acadêmica levantada por elas foi organizada em quatro eixos temáticos, que relacionam as juventudes rurais aos processos educativos, aos processos identitários, à militância e à migração rural e urbana. A análise dos trabalhos apontou a necessidade de políticas públicas que sejam específicas para os jovens rurais, elaboradas a partir da realidade em que eles vivem.

Em relação às estratégias metodológicas empregadas, Costa e Moreira (2018) expõem que grande parte dos estudos fez o uso combinado de diferentes instrumentos de produção de dados, mas há uma predominância de entrevistas semiestruturadas e/ou abertas, seguidas por observação participante ou livre, questionários fechados e semiabertos, intervenções grupais (rodas de conversa, grupos focais e oficinas), pesquisa documental, recursos audiovisuais, narrativas e história oral.

Da mesma maneira que Weisheimer (2005), Costa e Moreira (2018) constataram que muitas pesquisas de mestrado não continuaram no doutorado, assinalando uma ruptura entre esses dois segmentos, já que a maior parte das pesquisas acerca das juventudes rurais eram dissertações. Assim como o autor, as autoras também evidenciaram uma variação na maneira como os jovens rurais são adjetivados. Segundo elas, dentre as várias terminologias utilizadas para se referir a esses jovens, há uma predominância do termo rural, que aparece em 45% dos trabalhos.

Costa e Moreira (2018) anunciam que houve um aumento da produção discente a respeito da temática nos últimos anos cobertos pelo estudo. Isso, na visão delas, demonstra um maior interesse da academia pela temática. Outro ponto de destaque trazido pelas autoras é que, em 80% dos estudos, os jovens foram incluídos como sujeitos da pesquisa e foram os principais

interlocutores. Esse fato é muito importante, pois mostra que os pesquisadores estão privilegiando pesquisas não só acerca dos jovens, mas com eles.

### **Considerações finais**

Alguns pesquisadores tratam as juventudes como categoria de análise, outros a reconhecem como objeto, campo de estudo ou, ainda, como temática. Independente da perspectiva teórica adotada, é importante reconhecer que as juventudes não são homogêneas, pois existem formas individuais de vivê-las. Dentro de um mesmo espaço e tempo histórico, encontramos jovens de maneiras distintas, diferindo em relação às experiências e perspectivas deles. Isso reforça a necessidade de tratar as juventudes no plural.

Os estudos acerca das juventudes vêm se consolidando no meio acadêmico de forma interdisciplinar. Há uma diversidade nos modos de compreender quem são essas juventudes. Isso faz com que encontremos diferentes abordagens e inúmeras definições na construção teórica do termo.

Dentre as apropriações utilizadas para conceber as juventudes, preocupa-nos, com maior intensidade, aquelas que tratam desses sujeitos como pessoas em transição, indeterminadas, que vivem no “vir a ser”, ou seja, que não são crianças e não são adultos. Por isso, legitimamos que, independentemente da perspectiva teórica adotada, é importante sinalizar qual conceito está em evidência quando se discute o assunto. O acumulado da produção acadêmica focaliza mais os jovens urbanos que os rurais, e a discussão acerca das juventudes rurais no Brasil, embora tenha emergido nas últimas décadas, ainda é incipiente.

### **Referências**

- CASTRO, E. G. *et al.* **Os jovens estão indo embora?:** juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- CORROCHANO, M. C.; NAKANO, M. Jovens, mundo do trabalho e escola. *In:* SPOSITO, M. P. (coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC: Inep: Comped, 2002. p. 95-134.
- COSTA, A. F. S.; MOREIRA, M. I. C. **Juventudes rurais no Brasil:** um estado da arte (2006-2016). Curitiba: CRV, 2018.
- DAYRELL, J. Juventude e escola. *In:* SPOSITO, M. P. (coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC: Inep: Comped, 2002. p. 67-94.



DAYRELL, J.; CARRANO, P. O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006) – Prefácio. *In*: SPOSITO, M. P. (coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. p. 7-9. (Coleção Edvcere, v. 1).

SPOSITO, M. P. (coord.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. (Coleção Edvcere, v. 1).

SPOSITO, M. P. (coord.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. (Coleção Edvcere, v. 2).

SPOSITO, M. P. (coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC: Inep: Comped, 2002.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

Submetido em 24 de abril de 2023.

Aprovado em 27 de junho de 2023.